

A Justiça caiu na folia do Almoço do PH Revista e contagiou o ambiente com sua imensa alegria

• PAG 3 a 8



O ex-deputado Manoel Ribeiro com suas irmãs Márcia Banhos e Virgínia Nunes Freire entre os desembargadores Ricardo Duailibe e José Jorge Figueiredo

Na festa da Fecomércio, no Teatro Sesc, Renata Araújo fez um show que encantou a plateia

• PAG 7 e 8



Fotos/Reprodução



FERNANDA

Torres é elegante de Chanel ou de bermuda, pois é sempre autêntica. Dança quando está à vontade. Canta junto quando escuta um samba. Bebe quando está feliz. Não se ausenta no coração.

• PAG. 3

É claro que todos nós sentimos uma pontinha de frustração pelo fato de Fernanda Torres não ter recebido o Oscar de melhor atriz. Parece até ingratidão, já que ganhamos o de melhor filme internacional, o primeiro Oscar de nossa história.

Confesso que foi algo meio atávico, inconsciente. Até admitiria perder para Demi Moore, e sua substancial mutação de carreira, só que para Mikey Madison, atriz de 25 anos, de Anora, uma promessa, não me pareceu muito justo o resultado. Fernanda já tinha a chancela do Globo de Ouro, merecia a honra mais do que ninguém. Não existia performance superior à dela.

Ela suspende o tempo da narrativa com o poder do seu olhar: agudo, ou seco, ou tenso, ou aflitivo, ou esperançoso. Seu olhar é a janela da alma de Aínda Estou Aqui. Ela encarnou Eunice Paiva mais do que interpretou. Tratou-se de uma possessão emocional. Realizou a façanha de absorção microscópica de um

UM AMOR DE FÃ:

confesso que sofri pela vitória que escapou das mãos de Fernanda Torres

temperamento, de uma época, de uma coragem.

Fernanda Torres é o povo brasileiro. Um espelho de nossa espontaneidade. Acessível, gentil, confidente. Ela exalta tudo o que está acontecendo de bom com o filme, mas não é deslumbrada.

Com uma trajetória absolutamente coroadada, poderia desfilhar como uma exceção, isolar-se nos holofotes, dizer que ninguém chegou aonde ela chegou, e faz o contrário: normaliza o brilho, empasta sua luz, nos representa, não nos ex-

clui de suas novidades.

Ela vive o sucesso como se tivesse sido abduzida. Fica imaginando quando vai dormir uma noite inteira. Quer algo mais popular? Você está no auge da sua carreira e pensa na sua cama.

Fernanda nos entende. Ela é gente como a gente. Tem amigos. Partilha os méritos com Walter Salles, com Selton Mello, com o elenco, não para de venerar a sua mãe, Fernanda Montenegro. É agradecida demais para ser egocêntrica. Não se coloca no centro da conversa. Quan-

do fala de si, é para rir, para divertir os outros, para descontrair o ambiente, para se humanizar por completo.

Fernanda é uma de nossas principais atrizes dramáticas, e não reage como uma diva intocável. Atende a todos, sem hierarquia.

Ela é elegante de Chanel ou de bermuda, pois é sempre autêntica. Dança quando está à vontade. Canta junto quando escuta um samba. Bebe quando está feliz. Não se ausenta no coração.

Nos bastidores de Los Angeles, maior alegria de Fernanda Torres era ter virado máscara de Carnaval. Expressava seu espanto em qualquer entrevista internacional. Seu maior prêmio era estar misturada ao nosso rosto. Ser o nosso rosto.

Jamais testemunhei alguém do palco ou das telas amar tanto o seu público.

Mesmo que ela não tenha sofrido com o resultado, eu confesso que sofri por ela.

Isso é amor de fã.

Reprodução



APÓS A PREMIAÇÃO de Anora, Mikey Madison, Fernanda Torres mostrou que não há espaço para rivalidade na premiação. Em um vídeo divulgado pelo portal Deadline, a brasileira aparece cumprimentando a vencedora e trocando gestos carinhosos com a atriz de Anora (2025). No registro, Torres dá os parabéns à jovem de 25 anos e chega a beijá-la no rosto. As duas ainda posaram para fotos ao lado do diretor Walter Salles, que comandou Ainda Estou Aqui, longa que garantiu ao Brasil sua primeira estatueta na categoria de melhor filme internacional

ANORA E AS CINCO ESTATUETAS DO OSCAR

Quando deixei a sala de cinema do São Luís Shopping, na última terça-feira, após aplaudir o filme vencedor do Oscar de 2025 e do Festival de Cannes de 2024, sai com duas certezas: Anora lamenta o mundo onde tudo é transacional – mas sem perder a ternura – e Sean Baker continua prosperando no caos catártico que resta aos oprimidos.

Aliás, embora os filmes de Sean Baker tenham sempre um certo açúcar que os aproximou muito rapidamente do público jovem que curte cinema independente em busca de uma historinha de conforto para chamar de sua, o diretor não é um artista esperançoso. Desde pelo menos o revelador Tangerina (2015) que o cineasta se acerca das histórias de grupos marginalizados e oprimidos através do humor e do movimento – seus filmes são vivos, não só na espontaneidade da contratação de atores amadores, mas também de forma bastante calculada dentro da linguagem e do ritmo que Baker impõe a eles na arquitetura de cada cena.

No fim das contas, no entanto, o humor está ali mesmo para cumprir a sua função mais básica de escape. Baker talvez entenda, assim penso eu, que, no beco sem saída em que a classe trabalhadora é colocada, o caos e a risada são as únicas catarses, a única maneira de criar uma ilusão de que ainda estamos saindo por cima dessa disputa. E Anora, que venceu a Palma de Ouro no Festival de Cannes 2024 e o Oscar 2025 de Melhor Filme, repete essa fórmula com garra e inteligência o bastante para criar a mesma lealdade entre personagens e espectador que fez dos filmes anteriores de Baker um sucesso entre o público que – teoricamente – menos tem a ver com ele.

Dessa vez, a personagem-título (Mikey Madison, de Pânico 5) é uma dançarina exótica e prostituta que acredita ter achado o seu tiquete para uma vida de conto de fadas quando conhece Ivan (Mark Eydelshteyn), o filho de um oligarca russo que vai de cliente a namorado, e de namorado a marido, em um espaço de poucas semanas. Quando a poderosa família do rapaz fica sabendo do matrimônio, no entanto, eles e seus capangas passam a fazer de tudo para separar o casal apaixonado. E tome fugas desesperadas por Nova York, com a nossa Anora presa na furiosa e constante incerteza da validade e segurança de seu laço com o marido – a relação começou como transação, afinal, e nada garante que não continue sendo uma.

Eis uma história, portanto, sobre como a “produtização” das relações humanas criou não só um mundo em que a dignidade da pessoa é um pensamento secundário, como também um mundo onde a insegurança é inconstante. E em dobro para a mulher, cujo corpo é o commodity mais abusado do capitalismo; em dobro para o pobre, que depende da liquidez dessas transações humanas para sobreviver em um sistema que lhe nega um ganha-pão mais sólido, mais estável. Pior ainda, quem está do outro lado dessa troca não poderia estar ligando menos para o fato de que há outra pessoa ali, sensibilizada à exploração do próximo porque ela é a rotina de quem está no topo da pirâmide social.

Anora talvez seja mais eloquente nas elaborações desses discursos do que Projeto Flórida, por exemplo. E Baker, que também assina o roteiro e a montagem, mostra consciência invejável da potência de sua mensagem ao segurar a pisada no freio emocional da trama para os últimos minutos, talvez até segundos, do filme. Mas há também nesse cineasta comedido que parece ter surgido nos últimos anos algo de dissimulação que não existia antes – nos diálogos gritados, situações esdrúxulas e picuinhas mesquinhas de Anora, Baker deixa-se escorregar para o cinema do caos calculado, que é muito menos excitante que o cinema visceral que ele fazia antes.

Mas existe a clareza de visão e coração aqui,

ainda, e existe a ternura. Enquanto não perder essas coisas, o cineasta dificilmente vai deixar de ser uma das vozes mais interessantes do cinema contemporâneo dos EUA.

Em alguns momentos do filme, achei que estava assistindo a uma típica comédia pastelão. A proposta que se apresenta no prólogo gera uma estranha expectativa de que vamos acompanhar um conto de fadas virado do avesso. Mas no decorrer do filme essa perspectiva vai se desfazendo gradativamente. Algo que me incomodou, e muito, foram as atuações. Muitas delas, como a de Toros (mentor de Vanya) e Galina (mãe de Vanya), foram extremamente exageradas, destoando dos demais, quase beirando ao caricato. Sem contar com o excesso de gritarias e vários personagens falando ao mesmo tempo, ora em inglês, ora em russo, o que quase me fez levantar e ir embora. Com poucos momentos de destaque, vale mencionar o personagem Igor – uma atuação comedida de Yuriy Borivov – e a sua relação com Anora, principalmente no epílogo, que soa como um bálsamo em meio a um filme estranho.

Vale destacar que Sean Baker tem essa coisa de explorar os marginalizados sexuais. Prostitutas, travestis e atores pornôs são figuras carimbadas em seus roteiros. Mas sempre com aquele toque humanizado que só ele sabe dar.

Anora não é diferente. Essa personagem sensacional – muito se deve a incrível atuação – nos faz vibrar torcendo por ela e também nos identificamos com ela estando do “lado mais fraco da corda que arrebenta”. Por ser um filme sobre jogo de poder, vemos o quanto estamos muito mais acuados e próximos da prostituta sem perspectiva de vida do que dos grandes magnatas mundiais. Até mesmo seus funcionários estão mais próximos da prostituta do que os próprios patrões. Para eles, somos, de fato, apenas peões pra se divertir e ser sacrificado quando convir.

O que mais gostei no filme é como ele explora essa ideia de um jeito muito leve, que você mal vê o tempo passar. Se puder dar spoilers de emoções, posso dizer que você vai rir, sentir muita raiva, muita agonia e por fim vai chorar. A edição e a fotografia também são pontos de destaque que contribuem imensamente para cravar Anora como mais um sucesso desse diretor.

Anora é um filme que sai um pouco do padrão que temos no cinema recente. Não é o melhor filme do ano na minha opinião, mas é uma obra que acerta em quase tudo, atuações, roteiros, equilíbrio entre humor e drama. No decorrer do filme, minha percepção sobre o rumo da história foi mudando. Eu achava que seria algo mais dramático e mais “gangster”, mas se tornou um drama romântico com muitos bons alívios cômicos.

Gosto de filmes que ao acabar, me deixem pensando (e até pesquisando), no que aconteceu, porque os personagens agiram daquela forma. E acho que essa interpretação ampla fez o final ser ótimo para mim.

É impossível desconhecer os inúmeros problemas da premiação do Oscar quase o tempo todo, mas precisamos dar crédito onde a Academia merece. Nos últimos 10 anos, o crescimento significativo no número de membros deixou o corpo votante mais jovem e internacional, e isso mudou o “tipo” de filme que vence o Oscar. De lá pra cá, vimos coisas como Moonlight, Parasita e Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo levantarem a estatueta. Agora, podemos adicionar Anora à lista.

Mesmo dentro dessa lista, contudo, Anora é um caso curioso e bem-vindo. Moonlight tinha nomes relativamente grandes e vinha acompanhado de uma forte carga social, Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo tinha nomes genuinamente grandes no elenco e vinha acompanhado de um estúdio expert em campanha de Oscar. Talvez Parasita seja o paralelo mais adequado. Assim como Anora, o filme não tinha nomes famosos, e sua vitória serviu como o reconhecimento de um diretor cuja voz é importante no cinema. Ambos, claro, também ganharam a Palma de

Ouro do Festival de Cannes antes de levar o Oscar, assim conquistando a dobradinha mais desejada da indústria cinematográfica.

Mas até assim a comparação fica aquém da realidade. Bong Joon-ho já era um talento reconhecido mundialmente, e havia feito filmes de grande impacto na Coreia (Memórias de um Assassino) e nos EUA (Expresso do Amanhã). Sean Baker é um queridinho indie. Antes de Anora, seu filme de maior bilheteria era Projeto Flórida, com Willem Dafoe, que fez apenas US\$10 milhões. Ele não é tão jovem, e tem dirigido regularmente desde Take Out em 2004, mas atingiu outro nível no olhar crítico e cinéfilo só no meio da década passada, com Starlet (2012) e Tangerine (2015).

Permitam-me um exemplo inusitado: a vitória de Baker no Oscar, onde ele ganhou Melhor Filme, Melhor Atriz, Melhor Direção, Melhor Roteiro Original e Melhor Montagem é comparável a um Mbappé ganhando a Copa do Mundo com 19 anos lá em 2018. Mal deu tempo de considerar o impacto da chegada de Baker entre os grandes, e ele já correu em direção ao maior troféu de seu campo. Parecia que ele havia acabado de começar sua ascensão. Do nada, ele estava no topo.

Só que não foi do nada. Críticos de cinema e seguidores da cena indie sabem muito bem da importância de Baker não só como cineasta, mas também como curador, defensor da arte e membro ardente da cinefilia. Ele só não havia atingido o mainstream. Que bom que esse momento veio com tamanho estrondo.

Afinal de contas, quantas vezes reclamamos do Oscar por demorar a reconhecer talentos? Eles deixam de premiar Al Pacino e Martin Scorsese por suas obras-primas, e então pedem desculpas anos depois com filmes significativamente inferiores aos clássicos. Baker não é Scorsese, mas Anora é uma de suas melhores obras, e merece o reconhecimento, assim Scorsese merecia ter ganho com Os Bons Companheiros, e não ter esperado mais 15 anos até Os Infiltrados. Podemos ir além disso: Anora não só merece o reconhecimento como é o melhor tipo de vencedor do Oscar.

Antes de mais nada, Anora é um grande filme. Nem todo vencedor do Oscar pode dizer o mesmo. O gosto da Academia é irregular, para dizer o mínimo, mas aqui há um acerto enorme. Brasileiros, claro, torciam para Ainda Estou Aqui. Mas Anora – nosso filme de 2024 – é uma divertida, apaixonante e ansiosa aventura que reflete com energia caótica nosso mundo, onde tudo é comércio e todos estão à venda, quer queiram, quer não. Ele é engraçado, e então tenso, e então devastador. Um pacote completo.

É claro Anora é feito por pessoas que, tipicamente, não ganham o Oscar. Não no momento em que estão. Aqui está um cineasta no ápice de sua carreira, fazendo um filme 100% original, independente, e com um elenco protagonizado por uma atriz que, a partir de agora, será um nome instantaneamente reconhecível. Mikey Madison tinha seus fãs, particularmente quem gostava de sua veia cômica e sangrenta devido a Pânico (2022) e Era Uma Vez em... Hollywood, mas em Anora, ela é uma revelação, e ela é outra razão pela qual a vitória do filme deve ser celebrada. Madison é mais do que magnética aqui. Seu rosto demanda nossa atenção, e sua capacidade de nos fazer rir só para partir nosso coração é mais do que necessária para o sucesso do filme, que não existiria sem ela.

Que bom, então, que Anora existe. E que bom que ganhou o Oscar. Além de citar Baker e Madison, dois nomes em quem todos os jovens do meio podem se espelhar devido ao tipo de filmes e papéis que fazem, que venceram o Oscar não como um reconhecimento de seu passado mas de suas contribuições no presente, há o foco da narrativa. Este é um filme sobre uma jovem que é definitivamente parte do Século 21. Parte da cultura do corre. Uma mulher.

DE RELANCE

Tensão internacional: em reação aos EUA, Europa anuncia plano de defesa. E anuncia investimento de 800 bilhões de euros em segurança própria e da Ucrânia após Donald Trump suspender ajuda ao país invadido pela Rússia.

No rosto do povo: Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, diz que Fernanda Torres vai participar do desfile das campeãs no próximo sábado. Mas, a depender das máscaras da atriz de Ainda Estou Aqui, ela já está na Sapucaí desde o primeiro dia do Carnaval.

Nova IA: a Amazon quer sua própria IA até junho: a aposta é no tipo “híbrido”, com repostas rápidas e pensamento mais complexo.

Inclusão: será analisado por comissões da Câmara o PL que obriga a presença de intérpretes de Libras em comícios e eventos eleitorais.

Liderança: “Estamos prontos para trabalhar sob a liderança do presidente Trump”, diz Zelensky, Presidente da Ucrânia.

Fraternidade: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizou quarta-feira, em Brasília, o lançamento da Campanha da Fraternidade 2025. Neste ano, a Campanha vai abordar o tema “Fraternidade e Ecologia Integral” e o lema bíblico, extraído de Gênesis 1, 31: “Deus viu que tudo era muito bom”.

Tem mais: entre os motivos da escolha estão os 800 anos da composição do Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis; os dez anos de criação da Rede Eclesial Pan-Amazônica; e a realização da COP 30, em Belém.

Obesidade e alerta: dados do Atlas Mundial da Obesidade 2025, da Federação Mundial da Obesidade, lançado nesta semana, apontam que, no Brasil, 68% da população têm excesso de peso. Dessa parcela, 31% têm obesidade e 37% têm sobrepeso.

Projeção: o atlas traz ainda a projeção de que o número de homens com obesidade até 2030 pode aumentar em 33,4%. Entre as mulheres, o crescimento será de 46,2%. O estudo revela ainda que, no País, cerca da metade da população adulta, entre 40% e 50%, não pratica atividade física na frequência e intensidade recomendadas.

No contexto: o sedentarismo é apontado pelos especialistas como uma das maiores causas de doenças como a hipertensão.

Especialistas recomendam medidas para controlar os efeitos das altas temperaturas nos núcleos urbanos. Entre as dicas sugeridas, estão incremento da arborização e até incentivo ao uso do transporte coletivo com ar-condicionado. Mais verde e menos asfalto para conter aquecimento nas cidades.

“O Reformatório Nickel” foi o único dos 10 indicados ao Oscar de melhor filme a estreiar direto em uma plataforma. Lançado pelo Amazon Prime Video, seguiu o caminho de “Ficção Americana” (2023), outro candidato ao prêmio de Hollywood que era dirigido por um negro e abordava racismo.

Oscar 2025: não recebemos o Oscar pelas mãos de Fernanda Torres na categoria melhor atriz (Mikey Madison, de Anora, venceu o páreo), mas foi pelo seu sorriso, sua influência e seu carisma que o Oscar acabou sendo trazido na outra categoria. Sua performance serena diante do sofrimento da personagem serviu de fiador do prêmio, o maior cabo eleitoral.

Em tempo: aquele Globo de Ouro que obteve antes desenrolou o tapete vermelho do Dolby Theatre, em Los Angeles, para nossa passagem, e abriu os olhos dos jurados.

Efeito Fernanda: se não fosse pela atuação desconcertante de Fernanda, jamais chegaríamos tão longe. Se não fosse pelo seu brilhantismo em entrevistas e divulgação, não teríamos superado Emilia Pérez.

Ainda Fernanda: a atriz brasileira não ganhou o Oscar de melhor atriz para ganharmos o de melhor filme. Emprestou seu prestígio individual para conquistarmos o triunfo coletivo. Trabalhou para a equipe. Fez com que não saíssemos da cerimônia de mãos vazias.

Jornada corajosa: a trama do filme Ainda Estou Aqui é baseada no livro homônimo do escritor Marcelo Rubens Paiva, que reconstituiu a jornada corajosa de sua mãe, Eunice. Ambientado na ditadura militar brasileira, acompanha a luta da matriarca para o regime ditatorial se responsabilizar pela autoria do desaparecimento e morte de seu marido, o engenheiro civil e ex-deputado Rubens Paiva, em 1971, no Rio de Janeiro.

Jornada corajosa...2: a obra apresenta genealogias e encontros mágicos dentro da narrativa. Como explicar a quintessência dramática de Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, filha e mãe, encarnando Eunice na maturidade e na velhice? Como explicar que conseguiram repetir o mesmo olhar, ou completar o mesmo olhar: Fernanda Torres numa sorveteria, observando ao redor e se lembrando de tudo o que viveu e jamais irá se repetir, e Fernanda Montenegro na cadeira de rodas, já com Alzheimer, observando ao redor e não se lembrando de mais nada?

A propósito: em sua estreia no Festival de Veneza, o filme teve 9 minutos e 46 segundos de aplausos de pé. Com o Oscar, a ovação agora vai durar a eternidade.

Lula e “Ainda Estou Aqui”

Assim como recebe atletas vitoriosos no retorno de competições, o presidente Lula prepara uma recepção festiva para Walter Salles, Fernanda Torres e Seltón Mello para celebrar o Oscar de melhor filme internacional por Ainda Estou Aqui.

A avaliação do Planalto é de que a premiação pode alavancar a campanha de otimismo com o Brasil. _

Mulheres

A qualificação do ser humano não deve ser por gênero, mas por competência, dedicação e seriedade no que faz e nos múltiplos relacionamentos.

Indiferentes o grau de escolaridade, a condição social, a conta bancária ou qualquer outra distinção. Ninguém tem mérito ou demérito por nascer feminino ou masculino.

As mulheres suplantaram barreiras. Hoje as encontramos nas mais diversas atividades, atuando com brilhantismo.

Muitas vezes ouvimos que “atrás de um grande homem, há uma grande mulher”. Colocação equivocada, pois é ao lado, não atrás. Conseguiram avançar, não por favor, mas méritos.

Próximo do Dia Internacional da Mulher, saudemos a todas.

Morre Affonso Romano de Sant’Anna

O cenário literário brasileiro perdeu Affonso Romano de Sant’Anna, falecido em plena Terça-Feira de Carnaval, em sua casa em Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro.

Aos 87 anos, o escritor mineiro, que era amigo deste Repórter PH, lutava contra a doença de Alzheimer desde 2017, deixa um legado valioso para a literatura e cultura do país.

Nascido em Belo Horizonte, Sant’Anna teve uma carreira literária destacada, com mais de 60 obras publicadas em seis décadas. Além de escritor, foi professor de

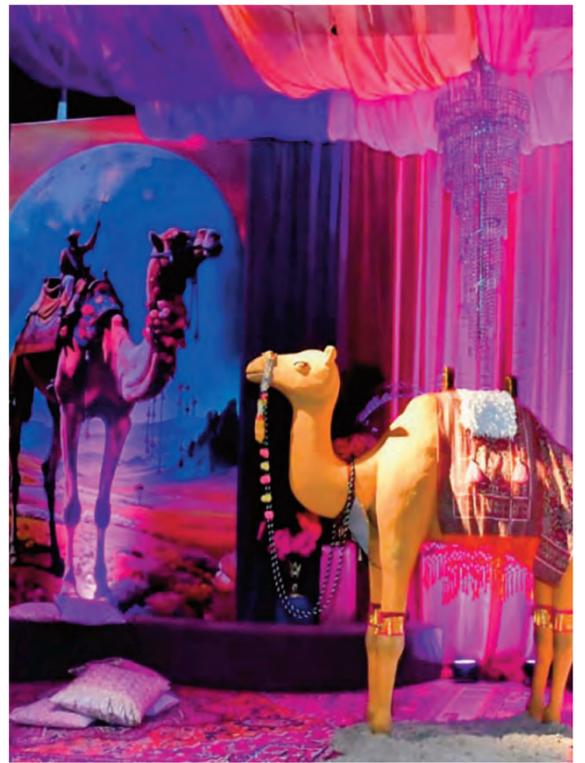
Literatura no Exterior, dirigiu o Departamento de Letras da PUC-Rio, atuou como crítico literário e cronista em jornais de destaque e presidiu a Biblioteca Nacional na década de 1990, onde instituiu o Programa Nacional de Incentivo à Leitura.

A morte de Sant’Anna segue a de sua esposa, a escritora Marina Colasanti, em janeiro, marcando um período de luto no meio literário. Deixa uma filha, Alessandra Colasanti, atriz, roteirista e diretora, e um neto.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Imagem da belíssima entrada do Palazzo concebida pela designer Cintia Klamt Motta



Logo na entrada do salão, um monumental camelo esculpido por artesãos maranhenses e decorado por Miguel Veiga

UM ALMOÇO PARA NUNCA SER ESQUECIDO

Não era só a beleza do cenário, dos objetos, do centro de mesa com rosas vermelhas, numa sequência de floreiras deslumbrantes. Não eram só as imagens árabes reproduzidas, ou os garçons impecáveis, ou o champagne ininterrupto. Não era apenas a criatividade e a elegância dos convidados e seu cuidado na elaboração de suas lindas fantasias. Não era só um menu impecável, com os pratos dos mais deliciosos e bem apresentados já vistos em um evento social em São Luís. Não era somente a música maranhense apresentada por vários

grupos musicais. Era o conjunto da obra. Um almoço celebrando a alegria do nosso Carnaval. Ali estavam amizades fraternas, e algumas de muitas décadas. Um amigo lembrou que a beleza do ambiente se somava à alegria das centenas de convidados que fazem especiais e únicos os momentos com a grife da Coluna PH e do PH Revista. Enfim, uma tarde/noite para jamais ser esquecida. Tanto pelos que foram e se divertiram bastante, quanto pelos que não puderam ir e perderam a melhor festa dos últimos tempos no mais belo e mais elegante salão de festas desta Capital.



Solange Costa e as integrantes do corpo de baile formado por dançarinas do ventre



Luiza Sereno Fernandes e Ana Clara Rocha



A top Carol De Déa



Elisbela Andrade Pinto



Vista de um dos ambientes de buffet



Detalhes da linda decoração de Cintia Klamt Motta

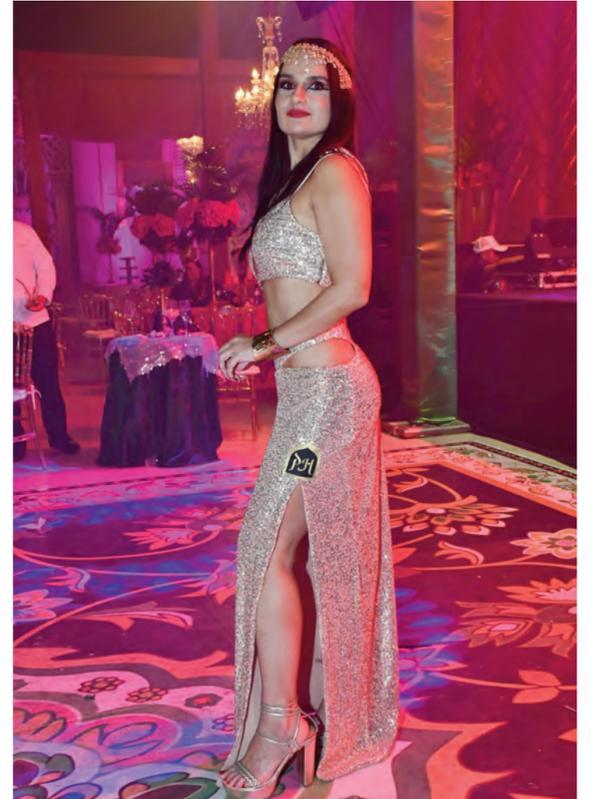


Isabella Facury Ubaldo e o Repórter PH

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Explosão de alegria no palco e na pista de dança



Uma das mais belas presenças femininas no Almoço



Cecília Leite



Aline Teixeira e Manoel Ribeiro com as irmãs dele, Márcia Banhos e Virgínia Nunes Freire



A bela Maria Gabriela Klant



A recepcionista dos produtos Baly, que fizeram sucesso no bar temático - um presente de de Sílvia e Sergio Parente



Maria Elvira Fecury com a filha Elvira Cristina e o genro Paulo Moraes Rego



Parmênio Carvalho e Marilene



Rita Itapary e Maria Nazi com Neire Vanda Silva, Nazi e Márcia Holanda de Alencar



Pedro Vasconcelos e Irlahir Moraes



César Bandeira e Thatiana com Edmêe e Des. Froz Sobrinho



Josires Leda Dourado com Rosário Almeida e Simone Bastos Vieira



Lilian Patrícia e Luizito Oliveira

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O hair stylist Décio Delamano



Pedro Filho Brito e Erna Ramalho



Poliana e Deputado Dalton Arruda



Fátima Teixeira



O diretor comercial do Grupo Mirante, Alan Neto, e a esposa Amanda, com o diretor de Jornalismo da TV Mirante, Alex Barbosa, e a âncora do JM1, Tayse Feques



Thatiana Bandeira e seu irmão Túlio Rodrigues com Lu Cutrim e Julien Anthoine Rauzier



Manoel Ribeiro, Ricardo Duailibe, Marcia Banhos, Virginia Nunes Freire e José Jorge Figueiredo



Zenira Fiquene e a filha Priscila



O Repórter PH com Elizabeth Rodrigues e Ana Lúcia Albuquerque



Georjane Gorgen e Cida Valadão



Mário Prazeres



Roseana Sarney com Elizabeth Rodrigues, sua filha Isabella e David Caracas



O Repórter PH com suas irmãs Clores e Glorinha Holanda



O Repórter PH com Thais e o cirurgião plástico Fernando Coutinho



José Aparecido Valadão, Kátia e Marcone Rocha, Andre Jardins, José Antonio (Zezão) Gorgen e Georjane, Cida Valadão e Maria Luiza Miranda



Francisco Lima e Nazaré com o Repórter PH



Desembargador José Jorge Figueiredo e o filho Fernando



Roseana Sarney com Glorinha Holanda e Serlene Chaves



Sergio Tamer, Rafaela e Vinicius Bogéa, Silvânia Tamer e o Repórter PH

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Os Fecury formavam um dos maiores e mais animados grupos do Almoço do PH Revista no Palazzo Eventos



Ana Carolina Sá Aoun com o irmão João Marcelo Sá e a cunhada Milena Adler Sá



Soraia Fialho posando com o camelo que era um destaque da festa



Clarissa de Castro Duarte Mendes



Adelaide Campelo com o filho Vinicius Bogéa e a linda nora Rafaela



Georjane e José Antonio Gorgen (de Balsas)



Zenira Fiquene e Donizetti Machado



José Aparecido Valadão com Hugo Roberto Pinto e Leticia



Amaro Santana Leite e Ana Lucia



Rubenice e Rodrigo Fernandes



Marília Borges, Adelaide Campelo e Emília Fiquene



Cintia Klamt Motta e Flávia Araújo Ferraz



Larissa Fonseca e Fátima Cavalcante com o Repórter PH



O evento que marcou o início das atividades da Fecomércio-MA em 2025, contou com apresentação do Show Vida, da cantora Renata Araújo & Banda, e a presença de representantes da CNC e de Federações do Comércio dos estados de MG, DF, SE, PE, PA e SC



Renata Araújo ao lado do marido e de membros do seu fã-clube



O casal José Pereira de Santana e Jesus Pereira com a cantora Renata Araújo

CONFRATERNIZAÇÃO

marca o início das atividades da Fecomércio-MA em 2025

O Sistema Fecomércio/Sesc/Senac no Maranhão abriu sua agenda de 2025 com uma confraternização especial em fevereiro, no Teatro Sesc, localizado no Condomínio Fecomércio, em São Luís. O evento reuniu mais de 200 convidados e contou com a apresentação do show Vida, da cantora mineira Renata Araújo & Banda, proporcionando uma noite de cultura, celebração e integração.

O evento, dos mais concorridos e prestigiados, contou com a presença de importantes lideranças do setor, incluindo o vice-presidente Financeiro da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), Leandro Domingos, representando o presidente Roberto Tadros, e presidentes de diferentes federações do comércio do Brasil.

Estiveram presentes Nadim Donato (Fecomércio-MG), José Aparecido da Costa (Fecomércio-DF), José Marcos de Andrade (Fecomércio-SE), Bernardo Peixoto (Fecomércio-PE), Sebastião de Oliveira (Fecomércio-PA), Hélio Dagnoni (Fecomércio-SC) e Maurício Filizola (Diretor da CNC).

“Este evento marca o início das atividades de 2025 do Sistema Fecomércio no Maranhão, reforçando nosso compromisso com o desenvolvimento do setor. Além de celebrar a cultura, tivemos a honra de receber presidentes de federações do comércio de diferentes estados, fortalecendo a troca de experiências e a construção de parcerias estratégicas”, destacou o presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó.

A noite teve início com uma recepção especial às autoridades e convidados, seguida pela apresentação musical de Renata Araújo e Banda, que apresentou um repertório repleto de grandes sucessos da MPB, intercalando com performances e poemas autorais. Após a apresentação, os convidados seguiram para um jantar de celebração na cobertura do Condomínio Fecomércio/Sesc/Senac.

Para a Fecomércio-MA, a realização desse encontro reforça o compromisso da entidade com o desenvolvimento do setor terciário, promovendo não apenas qualificação e serviços, mas também iniciativas culturais e de relacionamento institucional.



Maurício Feijó com a vice-prefeita de São Luís, Esmênia Miranda e seus familiares



Leandro Domingos com Maurício e Ana Célia Feijó



Ana Izabel e Claudio Donizete Azevedo



Anderson Bentes de Sousa e Michelinne



Francisco Neto e Rosângela



Amadeu de Araújo Costa e o filho Guilherme



Concita e William Ribeiro



O Repórter PH ao lado de Cristiane e Maria Raimunda Holanda, Gabriela Vasconcelos e Armando Ferreira



Léa Zaqueu, Max de Medeiros, Lu Cutrim e Julien Anthoine Rauzier, a cantora mineira Renata Araújo, Rodrigo Cunha e William Ribeiro



Bernardo Peixoto (Fecomércio Pernambuco) e a esposa Diana Freire; Manoel Barbosa (Amasp) e a esposa Iracy Barbosa



Renata Silva, Walternor Silva (Aslit), Max de Medeiros (Fecomércio), Nonato Luz (Sehama), Alysso Soares (Sehama)



Madalena Nobre e Marcos Davi



Armando Ferreira, Manoel Barbosa e Nan Souza



Regina Soeiro (Sesc), cantora Renata Araújo, Alessandro Batista (Sesc), jornalista Madalena Nobre e Michelinne Feijó Sousa

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A imensa platéia que lotou o Teatro do Sesc



O Repórter PH com a cantora Renata Araújo



Os diretores regionais do Sesc, Rutinéia Monteiro, e do Senac, José Ahirton Lopes



Cristiane e Maria Raimunda Holanda com José Ayrton Lopes e José Pereira de Santana



Renata Araújo com Nan Souza e o diretor regional do Senac, José Ahirton Lopes



Alberto Nogueira da Cruz e namorada



Leonardo Barros, Fernando Motta, Mauricio Feijó, Cintia Klamt Motta, Armando Ferreira e o Repórter PH



Renata Araújo com Lou Marques e Ana Célia Feijó



José Luís Filho e Manoel Barbosa



Maria Raimunda Holanda e a filha Cristiane com Gabriela Vasconcelos, Isabela Mendonça e Ana Luiza Vasconcelos



Cintia Klamt Motta e o Repórter PH com a cantora Renata



Karina e Marco Antonio Silva



Manoel Barbosa e Nadim Donato Filho (Fecomércio/MG) e Madalena Nobre e Marcos Davi



Emerson Macedo e esposa



Ribamar Cunha e Rutinéia Monteiro (diretora regional do Sesc)



Jeane Nunes e sua filha Maria Clara Lopes



Marcos Vinícios e Maria Clara Lopes



Ana Célia e Mauricio Feijó com a neta Ana Clara e a filha Michelle



Maurício Feijó com o Secretário de Monitoramento de Ações Governamentais, Alberto Bastos e esposa

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)
[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)



A deputada federal Roseana Sarney ao lado do marido, empresário Jorge Murad, da filha Rafaela, da neta Fernanda, dos amigos Guga Fernandes e Regis Correa, entre Calheiro Marinho, Luana, Almistron e Célia Marinho

A DEPUTADA FEDERAL ROSEANA SARNEY (MDB) aproveitou bastante o Carnaval do Maranhão 2025. Além de ter passado no Circuito 'Vem Pro Mar', sob o comando do Governo do Estado, na Avenida Litorânea, a bordo do trio elétrico do Bicho Terra, ela também agitou recebendo convidados para um baile carnavalesco com a presença de familiares e amigos. Na Quarta-Feira de Cinzas, recarregou as energias com um jantar na AmoVinho Bistrô & Adega, no Parque Shalon, onde foi recebida pelos proprietários da casa, Almistron, Célia e Calheiro Marinho. Roseana estava acompanhada do marido, o empresário Jorge Murad, da filha Rafaela Sarney, da neta Fernanda Sarney, e dos amigos Guga Fernandes e Regis Correa. Além da boa conversa, Roseana e Jorge conheceram a casa e aprovaram o vinho Alma Gratidão, autoral da AmoVinho e produzido na Itália. Além disso, o casal foi apresentado a todos os demais rótulos autorais produzidos no Brasil pela Lidio Carraro e Vinícola Gallioto, no Chile, pela San José de Apalta, e na Itália, pela Vinícola Vinosia



Jorge Murad entre Almistron e Calheiro Marinho, sendo apresentado aos vinhos Almar



Célia Marinho com Fernanda Sarney



Célia Marinho e Guga Fernandes



Eduardo Guerra com a esposa Lethícia Brandão e os pais, o governador Carlos Brandão e a primeira-dama, Larissa Brandão

O GOVERNO ESTADUAL deu um show de programação e, também, no bem estruturado Camarote 'Vem Pro Mar', no Circuito carnavalesco da Avenida Litorânea. No espaço oficial, o governador Carlos Brandão e a primeira-dama, Larissa Brandão, receberam convidados e prestigiaram os artistas que se apresentavam no corredor da folia



Galera animada com Oton Lima, Raphael Saldanha e Augusto Pestana entre as primas e irmãs Murad Sarney



Neto, Sérgio Valente, a desembargadora Graça Amorim e o advogado Diogo Miranda



Karina Ribeiro com o casal Davi e Isabella Caracas



Samira Braide e o marido e ministro do Esporte, André Fufuca



Daniel e Priscilla Blume



Deputado federal Pedro Lucas Fernandes com a esposa



Deputado estadual Glaubert Cutrim com a esposa



Walquíria Moraes (Cerimonial do Governo) e Werther Bandeira (Villa do Vinho)



Ruan Tavares e Socorro Araújo (Setur) com Mieke Wada (Secom)



As irmãs Adriana e Danielle Vieira (InterMídia Comunicação)